



BATISMO

SUMÁRIO

1. O QUE É QUE EU ESTOU FAZENDO AQUI?	3
2. IGREJA: UMA COMUNIDADE VIVA.....	6
2.1 A IGREJA É O CORPO DE CRISTO	6
2.2 A IGREJA É A NOIVA DE CRISTO	7
2.3 A IGREJA É A FAMÍLIA DE DEUS	7
2.4 A IGREJA É UMA LAVOURA E, TAMBÉM, UM EDIFÍCIO.....	8
2.5 RESUMINDO.....	8
2.6 POR QUE PRECISAMOS DA IGREJA? BASES TEOLÓGICAS	8
2.6.1 Precisamos da igreja porque precisamos viver em comunhão:	9
2.6.2 Precisamos da igreja porque precisamos de proteção:	9
2.6.3 Precisamos da igreja porque precisamos de alimento espiritual:	10
2.6.4 Precisamos da igreja porque precisamos de orientação segura e confiável:.....	10
2.6.5 Precisamos da igreja porque precisamos servir:.....	11
2.6.6 Precisamos da igreja porque precisamos de disciplina e correção:	11
3. BATISMO: UM PASSO DE OBEDIÊNCIA.....	12
3.1 O QUE SIGNIFICA BATISMO?	12
3.2 ELEMENTOS DO VERDADEIRO BATISMO	13
3.2.1 Fé	13
3.2.2 Arrependimento	13
3.2.3 Obediência	14
3.3 QUEM PODE SER BATIZADO?	15
3.3.1 O argumento dos textos narrativos do Novo Testamento.....	15
3.3.2 O argumento do significado do batismo.....	16
3.4 QUAIS OS EFEITOS DO BATISMO EM NOSSAS VIDAS?.....	16
3.5 O BATISMO É NECESSÁRIO PARA A SALVAÇÃO?	17
4. A CEIA DO SENHOR	18
4.1 Quais são os principais aspectos da Ceia do Senhor?	18
4.2 Significado da Ceia do Senhor (Resumo)	20
4.3 Quem pode tomar a Ceia do Senhor?.....	20
5. O COMPROMISSO COM O REINO DE DEUS	22
5.1 DÍZIMOS E OFERTAS	22
5.1.1 Por que devemos dar o dízimo?	22
5.1.2 E quanto às ofertas?	23
5.2 O MINISTÉRIO DA IGREJA	24
5.3 A COMUNHÃO COM IGREJA.....	25
Notas.....	26

1. O QUE É QUE EU ESTOU FAZENDO AQUI?

Querido(a) irmão(ã),

Estamos muito felizes por ter você como participante desta turma. Temos certeza de que passaremos bons momentos de aprendizado e de experiências espirituais impactantes durante esse tempo em que estaremos juntos. A propósito, precisamos iniciar o nosso curso, falando sobre o motivo de você estar aqui, talvez você tenha perguntas como essas: Qual a importância do batismo? Por que, afinal, devemos participar de um curso de batismo? Existe algum significado especial em ser batizado?

Mas, não se preocupe, nem se constranja, essas são perguntas comuns e, na realidade, muito boas. Pois é necessário que, antes de nos batizar, saibamos quais são os fundamentos que regem esse importante momento de nossa relação com Cristo e com a Sua Igreja. Vamos começar conhecendo o conceito bíblico de ordenança, e, a partir desse conceito, seguiremos adiante aprendendo lições valiosas sobre o batismo.

O que são ordenanças?

Embora os dicionários, comumente, considerem a palavra *ordenança* como um sinônimo de *sacramento*, é necessário saber que teologicamente essas palavras têm significados bastante diferentes.

A palavra sacramento vem do latim, mas é originada do termo grego *mysterion* que significa que aquela ação teria algo de misterioso ou mágico. Os grupos cristãos que adotam a ideia de sacramento atribuem às suas ações ritualísticas (batismo, ceia do Senhor, casamento, extrema unção, etc.) algum tipo de poder misterioso, ou consideram esse cerimonial como um instrumento real de transmissão da graça de Deus.

Por outro lado, ordenanças podem ser entendidas como ações que o próprio Jesus determinou que a Sua Igreja realizasse, visando, fundamentalmente, três coisas:

- 1) a manutenção da memória da obra de Cristo em nossas vidas;
- 2) a criação de vínculo entre os cristãos de todos os tempos; e,
- 3) o exercício da mordomia na igreja local.

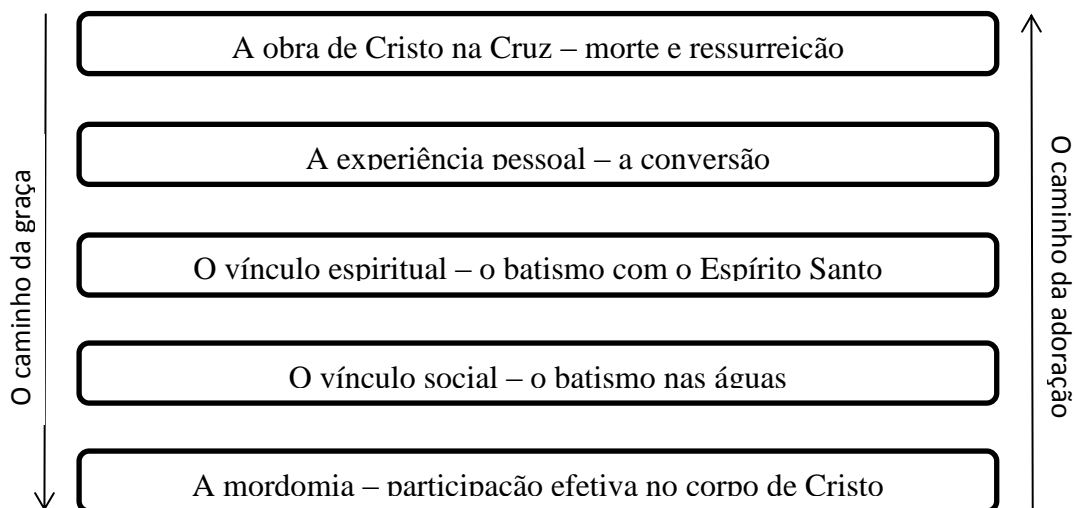
A pergunta lógica para fazer agora seria: quais são as ordenanças que Jesus nos deixou? Sobre isso, infelizmente, não há um consenso absoluto. Alguns grupos religiosos acreditam que o lava pés, o casamento e oração pelos doentes (determinada em Tg 5) seriam, também, ordenanças. Mas, a maioria dos evangélicos não concorda com essa lista de ordenanças, pois elas, embora sejam ações importantes para a Igreja, não são diretamente ordenadas pelo Senhor Jesus.

Então, ficamos com aquelas ordenanças que são comuns a todos os grupos cristãos: a Ceia do Senhor, que reforça em nossas mentes e corações o significado e o valor da morte e ressurreição de Cristo; e o Batismo, que representando a nossa conversão, simboliza os vínculos espirituais e sociais que estabelecemos com a Igreja dos salvos de todos os tempos e com a igreja local.

Como podemos perceber, o conceito de ordenança exige alguns conhecimentos prévios, como, por exemplo, os conceitos de Igreja e de igreja, de obra de Cristo, de vínculos espirituais e sociais, de mordomia, dentre outros. Além disso, para compreender realmente as ordenanças, precisamos estudar detidamente os significados espirituais de cada elemento envolvido nelas e suas implicações para a vida prática.

Como tudo funciona?

Bem, apesar de ainda termos um longo caminho pela frente, já podemos responder uma das perguntas feitas acima: você está aqui para obedecer às ordenanças de Cristo, por isso, precisamos estudá-las muito bem. Mas, antes de partir para estudar esses conceitos, vamos tentar entender como eles se relacionam e qual é a nossa posição no meio deles.



Tudo inicia na **obra de Cristo**, ou seja, na sua morte e ressurreição. O apóstolo Paulo nos ensina que Cristo morreu por nós quando éramos ainda pecadores (Rm 5:6-8), isso significa que a obra de Cristo acontece antes de nossa conversão, abrindo caminhos para que possamos ter livre acesso ao coração de Deus (Ef 3:11-12). Em outras palavras, Cristo tomou a iniciativa de nos salvar. Uma vez aberto o caminho, por meio da obra de Cristo, o Senhor providencia, através da Igreja, todos os meios para que tenhamos com Ele uma **experiência pessoal** (Jo 1:12; 3:16 e Rm 10:11-15). Essa

experiência é definida como morrer para o pecado (Cl 2:20) e viver para Cristo, em Cristo e com Cristo (Fl 1:21), firmando com Ele um caminho para o alcance da glória (Rm 8:17-18). A conversão é, portanto, o **vínculo espiritual** e eterno que firmamos com o Senhor, é renovação completa da nossa mente (Rm 12:1-2), é, também, chamada de batismo com o Espírito Santo. Em nossa conversão, recebemos o Espírito Santo (At 1:8) que nos enche de poder para agir, juntamente coma Igreja, em favor do Reino de Deus. Assim, estabelece-se o **vínculo social** com a igreja local, que é uma agência da missão que Deus nos confiou. Mas, atenção, o vínculo social é parte do nosso vínculo espiritual, não é menor, nem é maior, é a forma como Deus escolheu para que agíssemos em seu Reino. É esse vínculo social que conduz a **mordomia**, quer dizer, ao compromisso com o serviço ministerial e com o sustento financeiro da obra de Deus. Essas são, também, manifestações da nossa adoração.

Bom, agora que estamos devidamente situados, entendendo qual é a nossa posição e participação em meio a tudo isso, lembremos que as ordenanças de Cristo são para a Igreja, por esta razão, precisamos compreender o seu conceito de acordo com as sagradas escrituras.

2. IGREJA: UMA COMUNIDADE VIVA

A palavra Igreja vem do grego *ekklesia*. Essa palavra gera diversas discussões, pois é utilizada nos escritos antigos para se referir a reuniões e, também, para se referir a saída para batalhasⁱ. Ao longo dos séculos, atravessando diversas discussões teológicas, a palavra foi tomando o sentido de uma comunidade dinâmica, que se reúne em irmandade e, ao mesmo tempo, sai de suas fronteiras para “guerrear”ⁱⁱ em nome do Senhor. Dessa forma, a Igreja do Senhor, escrita, assim, com letra inicial maiúscula, não é um prédio, ou mesmo uma instituição, mas a união do povo de Cristo, buscando realizar a missão que Ele nos deu.

Mas, como e o que é ser Igreja? Foram essas as novas e urgentes questões que os discípulos enfrentaram logo após a partida de Jesus. O livro dos Atos dos Apóstolos revela como foram os primeiros passos da nova comunidade de cristãos após a ascensãoⁱⁱⁱ de Cristo. Era necessário que continuassem unidos e, simultaneamente, expandindo o Reino de Deus aqui na terra (At 1:4, 8). Ali estão registrados os primeiros esforços da Igreja para manter viva a mensagem de Cristo, propagando-a até os “confins da terra”. Mas, Atos dos Apóstolos é o único livro inacabado da Bíblia, o que nos sugere que a história da Igreja não pode ser encerrada em um livro, mas deve ser continuamente escrita por cada comunidade de fé ao longo da história.

Os primeiros cristãos, direcionados pelos ensinamentos de Jesus e conduzidos pelo Espírito Santo, propuseram os seus métodos^{iv} de condução da Igreja e, movidos pela força do Espírito Santo, colaboraram para que a Igreja do Senhor chegasse viva, forte e cheia de amor aos nossos dias. Mas, preste atenção, há um princípio do qual nenhum método de conduzir a Igreja pode escapar: **a Igreja deve irrestrita obediência às Escrituras**. Isso quer dizer que cada crente deve crer que a Bíblia é divinamente inspirada, que nela não há sombra de erro, que ela é suficiente para dirimir todas as nossas causas morais, que ela aborda tudo que precisamos saber sobre Deus e, finalmente, que ela é a Palavra escrita de Deus à qual devemos obediência inteira e irrestritamente.

A Bíblia usa múltiplas figuras de linguagem para descrever a Igreja e cada uma delas apresenta-nos uma característica ou princípio que deve ser seguido por nós.

2.1 A IGREJA É O CORPO DE CRISTO

É assim que o apóstolo Paulo gostava de descrever a Igreja, como um corpo (ver I Co 12:12-13, 27). Ele queria dizer que a Igreja é composta por pessoas e que cada pessoa tem uma importante função na obra de Deus. Essa, também, é uma figura de linguagem que transmite a ideia de que os cristãos na terra são as mãos, os pés e a boca de Cristo. Chamando-nos a responsabilidade de servir, trabalhar, caminhar e falar como Ele fez quando esteve entre nós. Essa metáfora do corpo ensina que a comunidade cristã está ligada a Cristo e opera junto com Ele, tendo-o como cabeça, para realizar o plano

de Deus para a humanidade. A Igreja é o corpo de Cristo, por meio do qual Ele pode agir no mundo e por isso ela é parte indispensável do cumprimento da missão de Deus entre os homens.

2.2 A IGREJA É A NOIVA DE CRISTO

Essa expressão é bem comum entre os evangelistas (Mateus, Marcos, Lucas e João), mas é vista ao longo de toda a Bíblia. É, seguramente, a figura mais delicada e mais exigente utilizada para descrever a Igreja. Em muitas passagens vemos a ideia de que Cristo está preparando uma grande festa para receber a sua noiva, trata-se das “Bodas do Cordeiro”. Essa será a união definitiva com Cristo. Em uma linda expressão de amor, o profeta Isaías afirma: “assim como o noivo se regozija por sua noiva, assim o seu Deus se regozija por você” (Is 62:5b).

Mas, toda noiva deve ao noivo um padrão de pureza e separação. E a pureza tem a ver com um caráter desenvolvido de acordo com os preceitos e valores do Senhor, essa pureza se reflete na vida dos membros e da liderança da igreja terrena. Com essa figura, espera-se que a Igreja seja sábia, fiel, paciente, confiante, amorosa e submissa ao seu Deus.

A noiva deseja agradar o noivo. “Eu pertenço ao meu amado, e ele me deseja” (Ct 7:10). Agradar significa fazer livremente o que ele ordena, obedecendo aos seus mandamentos. Uma noiva se prepara para o dia do casamento. Este, também, deve ser o papel da Igreja. A noiva aguarda entusiasmada e confiantemente “o dia das bodas”. Sabe que o noivo virá buscá-la e a desposará para sempre. Confia nas palavras do noivo que disse: “E se eu for e lhes preparar lugar, voltarei e os levarei para mim, para que vocês estejam onde eu estiver” (Jo 14:3).

2.3 A IGREJA É A FAMÍLIA DE DEUS

Paulo se referiu, também, à Igreja da seguinte forma: “Por essa razão, ajoelho-me diante do Pai, do qual recebe o nome toda a família nos céus e na terra” (Ef 3:14-15). Sendo Deus o nosso Pai, somos, portanto, irmãos e irmãs uns dos outros na família dele. Ajudar nossa família é um papel importante para nós como membros da Igreja. Somos um corpo, unidos em Cristo.

Essa ideia de Igreja como família está relacionada ao desenvolvimento de relacionamentos fortes e saudáveis, relacionamentos que possam se tornar atrativos para a sociedade. É a missão que Cristo nos deixou, sendo cumprida pelo método da amizade, relacionamentos positivos e contagiantes.

2.4 A IGREJA É UMA LAVOURA E, TAMBÉM, UM EDIFÍCIO.

Paulo afirma: “pois nós somos cooperadores de Deus; vocês são lavoura de Deus e edifício de Deus” (I Co 3:9). Veja como ele pula do pronome ‘nós’ para ‘vocês’. Na primeira parte da sentença Paulo está se referindo a ele mesmo e a Apolo como pregadores do evangelho que trabalham cooperando para o desenvolvimento do Reino de Deus. Na segunda sentença, quando ele se dirige à igreja, ele utiliza duas figuras distintas, na primeira ele diz que nós somos uma lavoura e se refere ao fato de que nós devemos estar sendo continuamente cultivados pelo Senhor e pela sua Palavra para que nos tornemos frutíferos na causa do evangelho. Na segunda figura, ele compara a igreja, ou seja, nós, a um edifício, fazendo-nos perceber que somos uma construção do Senhor, que nada do que somos ou temos é nosso, mas foi feito por Deus e para Deus. Veja que não somos um edifício qualquer, mas um edifício de Deus, que pertence a Deus.

2.5 RESUMINDO

O artigo 33 da Confissão de Fé Batista de 1646 define que “a Igreja é uma companhia visível de santos, chamados e separados do mundo pela Palavra e pelo Espírito de Deus, para a profissão visível da fé do evangelho; sendo batizados nessa fé”. Por essa definição, juntamente com tudo que aprendemos mais acima, podemos perceber que a Igreja do Senhor, na prática, pode ser percebida de duas formas: 1) como Igreja universal, ou seja, como a união de todos os crentes da terra que colaboram para o cumprimento da missão cristã; e, 2) como a igreja local, isto é, as comunidades que se reúnem localmente como forma de contribuir para o mesmo propósito da Igreja universal. Mas, nos dois casos, a Igreja obedece aos princípios definidos biblicamente.

2.6 POR QUE PRECISAMOS DA IGREJA? BASES TEOLÓGICAS

Muito bem, agora que você conhece um pouco melhor a Cidade Viva e os seus pensamentos, precisamos refletir sobre o significado bíblico-teológico da vida em Igreja. Mas, primeiramente, queremos relembrar os conceitos de igreja que vimos no começo dessa seção.

De maneira muito simples queremos lembrar que Igreja (escrita, assim, com “I” maiúsculo) é a Igreja perfeita de Deus, a reunião de todos os santos, a manifestação da glória de Deus sobre toda a terra. Nós já fazemos parte dessa igreja, mas apenas pela graça de Deus, pois, de fato, ainda estamos aguardando o Grande Dia em que estaremos totalmente imersos nessa Igreja. A igreja (com “i” minúsculo) é a nossa condição atual, encontramos nela coisas boas e más, certas e erradas, pois essa igreja, apesar de conduzida pelas Escrituras e pela ação do Espírito Santo, ainda sofre a interferência das imperfeições humanas.

Toda igreja tem seus erros e acertos, nelas sempre encontraremos pessoas imperfeitas, inclusive os seus líderes. Mas, mesmo assim, no meio de tantas imperfeições, precisamos viver como Igreja. Ou seja, almejando a chegada da eternidade e de toda a perfeição que está guardada para nós (Rm 8:18). Precisamos, portanto, viver na igreja imperfeita vislumbrando aquilo que está por vir e não apenas as imperfeições do tempo presente. Temos várias razões para isso, mas a principal delas é por que essa é a vontade de Deus, que vivamos sempre em comunhão (Sl 133:1).

2.6.1 Precisamos da igreja porque precisamos viver em comunhão:

Apesar das imperfeições das pessoas, nós encontramos na igreja o apoio que precisamos. É nesse sentido que somos considerados um só corpo, quando uma igreja desenvolve relacionamentos saudáveis, as alegrias e sofrimentos são igualmente compartilhados. O corpo deve sofrer pelo membro que sofre e o membro deve sofrer pelo corpo, o corpo deve se alegrar na alegria de membro e o membro deve construir a alegria do corpo.

O corpo não é composto de um só membro, mas de muitos (1 Co 12:14)

Quando um membro sofre, todos os outros sofrem com ele; quando um membro é honrado, todos os outros se alegram com ele (1 Co 12:26)

Se procurarmos defeitos, sempre encontraremos, mas se procurarmos a paz com todos (Rm 12:18), estaremos encontrando o caminho para a felicidade, pois esse é o projeto de Deus para nós, conforme vimos na primeira aula.

2.6.2 Precisamos da igreja porque precisamos de proteção:

Na natureza, podemos observar que todos os predadores quando desejam devorar uma presa procuram aquela que está mais distante do grupo, mais solitária, mais desprotegida. A Bíblia nos ensina que na vida espiritual é da mesma forma, o Diabo está ao redor de nossas vidas, nas espreita, como um leão, buscando a quem possa devorar (I Pe 5:8). Precisamos da proteção espiritual, contra o Diabo e contra o próprio pecado, pois na igreja nós prestamos conta de nossas vidas uns aos outros (Tg 5:16) e essa prestação de contas nos afasta das ciladas do inimigo de nossas almas.

É melhor ter companhia do que estar sozinho, porque maior é a recompensa do trabalho de duas pessoas. Se um cair, o amigo pode ajudá-lo a levantar-se. Mas pobre do homem que cai e não tem quem o ajude a levantar-se! (Ec 4:9-10)

A sabedoria do autor de Eclesiastes nos ensina a importância da proteção obtida no convívio saudável e espiritualmente alicerçado.

2.6.3 Precisamos da igreja porque precisamos de alimento espiritual:

Estávamos mortos nos nossos pecados (Ef 2:1), mas fomos restaurados por Cristo e, de nós, foi afastada qualquer condenação (Rm 8:1). Mas, é preciso que continuemos crescendo em santidade e gratidão diante do Senhor, pois a vontade dele para as nossas vidas é boa, agradável e perfeita (Rm 12:3). Como compreenderemos os caminhos da vontade de Deus se não crescermos espiritualmente? Por isso, Paulo nos ensina que:

E ele designou alguns para apóstolos, outros para profetas, outros para evangelistas, e outros para pastores e mestres, com o fim de preparar os santos para a obra do ministério, para que o corpo de Cristo seja edificado, até que todos alcancemos a unidade da fé e do conhecimento do Filho de Deus, e cheguemos à maturidade, atingindo a medida da plenitude de Cristo. (Ef 4:11-13)

O próprio Deus designou algumas pessoas dentro da igreja para proporcionar o nosso desenvolvimento em todos os sentidos.

2.6.4 Precisamos da igreja porque precisamos de orientação segura e confiável:

Como vimos na secção 2 sobre a forma como enfrentamos o mundo e na secção 5 sobre o poder da Palavra de Deus aplicado às nossa vidas. Podemos concluir, sem dificuldades, que a Palavra de Deus contém os conselhos mais promissores para a nossa vida em qualquer área (Hb 4:12). Esses conselhos só podemos encontrar na igreja de Deus, pois os seus valores estão centrado no amadurecimento da vida cristã.

Sem diretrizes a nação cai; o que a salva é ter muitos conselheiros. (Pv 11:14)

Pense nisso, a igreja é o lugar de encontrar conselhos sábios para a vida.

2.6.5 Precisamos da igreja porque precisamos servir:

Aristóteles já dizia que “o homem é um animal político”, essa expressão é o reconhecimento de que o homem é inteiramente dependente dessa vida comunal. Embora, muitas vezes, algumas pessoas demonstrem dificuldades para conviver com outras, isso não nos permite negar que precisamos uns dos outros para viver bem. Por isso, Pedro nos ensina:

Cada um exerça o dom que recebeu para servir os outros, administrando fielmente a graça de Deus em suas múltiplas formas. (1 Pe 4:10).

Todo cristão recebeu um dom de Deus (I Co 12-14), por isso é necessário que compreendamos que o Senhor preparou as boas obras para que andemos nelas (Ef 2:10). Servir aos irmãos não deve ser visto como uma obrigação, mas como um privilégio.

2.6.6 Precisamos da igreja porque precisamos de disciplina e correção:

Todos nós temos a tendência de nos acomodar e de nos tornarmos indolentes frente às situações que nos fazem confrontar-nos com os elevados padrões da vida cristã. Ou seja, somos pecadores (Rm 3:23), por isso precisamos que irmãos e líderes sábios nos disciplinem e nos corrijam, para que não escapemos dos caminhos do Senhor.

Pregue a palavra, esteja preparado a tempo e fora de tempo, repreenda, corrija, exorte com toda a paciência e doutrina. (2 Tm 4:2)

Quando Paulo escreveu sua segunda carta a Timóteo, ele deu esse conselho, utilize a palavra de Deus para corrigir, exortar, mas sem deixar de lado a paciência e a doutrina. Então, compreendamos que a disciplina e correção que encontramos na igreja estarão sempre ligadas ao padrão bíblico de vida e não a falsas autoridades.

3. BATISMO: UM PASSO DE OBEDIÊNCIA

Jesus ensinou aos seus discípulos em muitas circunstâncias diferentes, quase sempre utilizava parábolas, ou mesmo analogias com a natureza. Mas, depois de sua morte e ressurreição, ele se dirigiu aos discípulos com muita clareza, dizendo:

Foi-me dada toda autoridade nos céus e na terra. Portanto, vão e façam discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, ensinando-os a obedecer a tudo o que eu lhes ordenei. E eu estarei sempre com vocês, até o fim dos tempos. (Mt 28:18-20)

Nesse trecho da Palavra de Deus, Jesus invoca a autoridade que lhe foi dada para dar uma última ordem: “façam discípulos de todas as nações”. Mas, a ordem de Cristo é acompanhada das instruções que dizem para batizar e ensinar.

Essa ordem é conhecida como “A Grande Comissão”, pois, através dessas palavras, Jesus transfere para nós, seres humanos pecadores, a responsabilidade de fazer a Igreja do Senhor crescer aqui na terra. Entendemos que somos responsáveis por levar a todas as nações o conhecimento da Palavra da Salvação, isso nos parece claro. Também, parece claro que precisamos ensinar as pessoas sobre os ensinamentos de Jesus, afinal é importante que as pessoas creiam na salvação e vivam de acordo com ela. Mas, por que Jesus nos ordena a batizar as pessoas? O que significa o batismo? O que acontece quando as pessoas se batizam? E quando é o tempo certo para se batizar?

O objetivo dessa lição – você já deve ter percebido – é entender a importância e o significado do batismo para os cristãos.

3.1 O QUE SIGNIFICA BATISMO?

A palavra batismo vem do grego “baptismo” que significa imergir, mergulhar, limpar com água. Mas, o sentido bíblico desta palavra é muito mais abrangente e profundo do que simplesmente “mergulhar” ou seus correlatos. Na realidade, toda vez que Jesus e o seus seguidores utilizaram essa palavra, eles estavam se referindo ao ato de se tornar parte do Corpo de Cristo.

Ora, mas nós já entendemos, desde a nossa primeira lição, que é a conversão que nos faz entrar no Corpo de Cristo! Agora é o batismo? É exatamente isso, o batismo é um símbolo prático e visual da nossa conversão, é uma declaração pública da nossa fé.

O batismo funciona como um símbolo daquilo que aconteceu em nossas almas. Quando mergulhamos nas águas batismais, representamos a identidade com a morte de Cristo, quando nos levantamos, simbolizamos a grande obra da redenção. No batismo,

podemos dizer: “Eis o que aconteceu comigo! Morri e ressuscitei, morri para o pecado e passei a viver para Cristo”. Em última instância, o batismo é o testemunho público da mudança de vida e da integração no corpo de Cristo através da fé no Filho de Deus.

3.2 ELEMENTOS DO VERDADEIRO BATISMO

Como vimos acima, o batismo é muito mais do que uma simples cerimônia, é muito mais do que um ato religioso e é, também, mais do que um rito de entrada ou adesão a uma igreja. O batismo é um ato solene diante de Deus e dos homens, um testemunho de fé e obediência. Para que o batismo seja verdadeiro em nossas vidas, precisamos de três elementos fundamentais:

3.2.1 Fé

Baseados no que aprendemos até agora, podemos entender que o ato do batismo não faz sentido algum se não for precedido pela fé no coração e na mente de quem se batiza. A fé é o elemento principal para a relação com Deus. Por isso, ela não pode ser desconsiderada. Para que sejamos batizados, precisamos de uma fé consciente que nos direcione para Cristo, não se trata de emoção, mas de certeza da vida espiritual.

Prosseguindo pela estrada, chegaram a um lugar onde havia água. O eunuco disse: "Olhe, aqui há água. Que me impede de ser batizado?" Disse Filipe: "Você pode, se crê de todo o coração". O eunuco respondeu: "Creio que Jesus Cristo é o Filho de Deus". Assim, deu ordem para parar a carruagem. Então Filipe e o eunuco desceram à água, e Filipe o batizou. (At 8:36-38)

O batismo narrado por Lucas foi claramente condicionado à fé. Ou seja, o fato de crer que Jesus Cristo é o Filho de Deus é indispensável para que o cristão seja batizado.

3.2.2 Arrependimento

O novo nascimento representado pelo batismo só acontece, de fato, quando os nossos corações estão arrependidos dos nossos erros e pecados. João Batista celebrou, em muitas ocasiões, o batismo, em todas elas, ele exigia o arrependimento das pessoas antes de iniciar a celebração.

Naqueles dias surgiu João Batista, pregando no deserto da Judéia. Ele dizia: "Arrependam-se, porque o Reino dos céus está próximo". A ele vinha gente de Jerusalém, de toda a Judéia e de toda a região ao redor do Jordão. Confessando os seus pecados, eram batizados por ele no rio Jordão. Quando viu que muitos fariseus e saduceus vinham para onde ele estava batizando, disse-lhes: "Raça de víboras! Quem lhes deu a ideia de fugir da ira que se aproxima? Deem fruto que mostre o arrependimento!" (Mt 3:1,2,5-8)

Quando temos uma fé autêntica atuando em nossos corações o arrependimento é naturalmente inserido na mente humana. Percebemos, pela fé, que estamos distantes de atingir "a "medida da plenitude de Cristo" (Ef 4:13b), embora ela seja o nosso alvo, percebemos, pela fé, que a distância que nos separa da plenitude de Cristo é do tamanho do nosso pecado. Quando entendemos que precisamos ultrapassar as barreiras do pecado para nos aproximar daquele que mais nos amou, o arrependimento por todos os nossos pecados é inevitável.

3.2.3 Obediência

A fé também nos impulsiona a confiar e a obedecer. Quando conhecemos o Senhor, por meio da fé genuína, aprendemos a acreditar que a Palavra de Deus é "luz que ilumina os meus passos e luz que clareia o meu caminho" (Sl 119:105). Ou seja, a fé nos ensina que a Palavra de Deus é um guia prático de vida e que se a confiarmos obedecermos, seremos abençoados em tudo que fizermos (Sl 1:2-3).

O próprio Jesus entendia a necessidade de obedecer à Palavra de Deus e de ser batizado, antecipando aquilo que viria a acontecer na sua própria vida.

Então Jesus veio da Galileia ao Jordão para ser batizado por João. João, porém, tentou impedi-lo, dizendo: "Eu preciso ser batizado por ti, e tu vens a mim?" Respondeu Jesus: "Deixe assim por enquanto; convém que assim façamos, para cumprir toda a justiça". E João concordou. (Mt 3:13-15).

Jesus argumenta com João, dizendo que deve "cumprir toda a justiça", ou seja, que mesmo sendo Deus, Ele deveria obedecer à Palavra que faz justiça.

Então, compreendemos que a fé em Cristo gera arrependimento e obediência em nossos corações, formando um trio inseparável que é a base do batismo cristão.

Dito isto, precisamos perguntar: quem pode ser batizado?

3.3 QUEM PODE SER BATIZADO?

Ao estudar, na secção anterior, os elementos do verdadeiro batismo, pudemos perceber que não se pode batizar as pessoas que não possuem a capacidade de crer, arrepender-se e obedecer conscientemente. Wayne Gruden, um dos principais teólogos do nosso tempo, afirma:

O modelo revelado em vários textos do Novo Testamento mostra que somente os que fazem uma profissão de fé digna de crédito devem ser batizados. Essa posição é muitas vezes chamada “batismo de convertidos”, já que defende que somente os que creram em Cristo (ou, mais especificamente, os que deram provas razoáveis de terem crido em Cristo) devem ser batizados. A razão disso é que o batismo, que é um *símbolo do início da vida cristã* deve ser ministrado apenas aos que *de fato* iniciaram a vida cristã. (GRUDEN, 2000, p. 816).

Portanto, não faz sentido batizar crianças, nem pessoas com deficiências mentais em níveis que as impeçam de tomar decisões autônomas. Dois argumentos^v principais sustentam essa tese:

3.3.1 O argumento dos textos narrativos do Novo Testamento

Os exemplos dos que foram batizados, encontrados nas narrativas, sugerem que o batismo foi ministrado somente aos que fizeram uma profissão de fé digna de crédito. Depois do sermão de Pedro no Pentecostes: “*Então, os que lhe aceitaram a palavra foram batizados*” (At 2:41). O texto especifica que o batismo foi ministrado aos que “aceitaram a palavra” e, portanto, tinham confiado em Cristo para receber a salvação. De modo semelhante, quando Filipe pregou a respeito do reino de Deus e do nome de Jesus Cristo, *iam sendo batizados*, assim homens como mulheres (At 8:12). De igual modo, quando Pedro pregou aos gentios na casa de Cornélio, permitiu que fossem batizados aqueles que tinham *ouvido a Palavra e recebido o Espírito Santo*, isto é, os que tinham dado provas convincentes de uma obra interior de regeneração. O ensinamento de Pedro foi que o batismo é apropriado para quem já recebeu a obra regeneradora do Espírito Santo: “Pode alguém recusar a água, para que não sejam batizados estes que, assim como nós, receberam o Espírito Santo?”. Assim, Pedro “ordenou que fossem batizados em nome de Jesus Cristo” (At 10:47-48).

3.3.2 O argumento do significado do batismo

Além dessas indicações dos textos narrativos do Novo Testamento de que o batismo sempre se seguia à fé salvadora, há uma segunda consideração em favor do batismo de convertidos: o símbolo externo do *início* da vida cristã deve ser ministrado apenas aos que *dão prova* de já ter iniciado a vida cristã. Os autores do Novo Testamento escreveram com o nítido pressuposto de que todos os que eram batizados já tinham aceitado a Cristo pessoalmente e experimentado a salvação. Por exemplo, Paulo diz: “Porque todos quantos fostes batizados em Cristo de Cristo vos revestistes” (Gl 3:27). Aqui, Paulo trata o batismo como um símbolo externo de uma regeneração interna. Isso simplesmente não seria verdade no caso de crianças ou das pessoas que não entendam essa ordenança; Paulo não poderia ter dito “porque todas as *crianças* batizadas em Cristo de Cristo se revestiram”, pois as crianças ainda não chegaram à fé salvadora nem dão prova alguma de regeneração. Paulo fala da mesma forma em Romanos 6:3-4: “Porventura ignorais que *todos os que foram batizados em Cristo Jesus* somos batizados na sua morte? Fomos, pois sepultados com ele na morte pelo batismo”. Será que Paulo poderia ter dito isso sobre as crianças ou mesmo das pessoas que não possuem domínio de suas faculdades mentais? Logicamente não.

3.4 QUAIS OS EFEITOS DO BATISMO EM NOSSAS VIDAS?

Temos insistido na ideia de que o batismo é um símbolo da regeneração (que é a mesma coisa que novo nascimento ou conversão). Mas, será que ele é apenas um símbolo? Será que ele tem algum efeito sobre as nossas vidas? Bem, podemos perceber que é perfeitamente possível que uma pessoa se batize apenas pela emoção, ou por outro motivo qualquer, essa pessoa pode participar da igreja, trabalhar na igreja e, mesmo assim, não se converter jamais. Sobre esse batismo, podemos dizer, não há efeitos.

Mas, quando o batismo é adequadamente levado a efeito, ou seja, quando o batismo é uma representação daquilo que realmente aconteceu na vida das pessoas, podemos afirmar que há a benção do favor de Deus que se manifesta em nossas vidas juntamente com a obediência, a alegria da confissão pública e a segurança da salvação representada fisicamente.

Não temos a menor dúvida de que o Senhor nos deu o batismo para fortalecer e encorajar a nossa fé. Esse é, certamente, o maior efeito que todos aqueles que vão às águas experimentam.

3.5 O BATISMO É NECESSÁRIO PARA A SALVAÇÃO?

Embora reconheçamos que Jesus ordenou o batismo (Mt 28:19), à semelhança do que fizeram os apóstolos (At 2:38), não devemos dizer que o batismo seja *necessário* para a salvação. Pois, dizer que o batismo, ou qualquer outra obra, é necessário para a salvação equivale a dizer que não somos salvos somente pela fé (conforme Paulo nos ensina em Ef 2:8-9 dentre muitos outros textos). Não podemos admitir que a obra de Cristo na cruz precisa de suplementos para surtir efeito. O batismo é símbolo da nossa salvação, mas não elemento da nossa salvação.

Aqueles que defendem que o batismo é necessário para a salvação muitas vezes apontam para Mc 16:16: “*Quem crer e for batizado será salvo, mas quem não crer será condenado*”. Mas a resposta evidente a tal argumento é apenas afirmar que o versículo nada diz sobre quem *crê e não é batizado*. O texto está falando apenas de casos gerais sem fazer uma descrição do caso incomum de alguém que *crê e não é batizado*.

Mais esclarecedora ainda é a declaração de Jesus ao ladrão à beira da morte, na cruz: "Eu lhe garanto: Hoje você estará comigo no paraíso" (Lc 23:43). O ladrão estava preso por pregos e amarras a uma cruz ao lado de Jesus, obviamente ele não pôde ser batizado. No entanto, a menos que façamos de Cristo um mentiroso, aquele ladrão foi salvo sem ser batizado.

Outra razão por que o batismo não é necessário para a salvação é que nossa justificação dos pecados ocorre quando cremos com fé salvífica e não quando somos batizados nas águas, que normalmente acontece mais tarde. Mas, se uma pessoa já está justificada e tem os seus pecados eternamente perdoados quando creu com fé salvadora, o batismo não é necessário para o perdão dos pecados, nem para que se receba a nova vida espiritual.

O batismo, então, não é necessário para a salvação. Mas é algo necessário, se queremos obedecer a Cristo, pois Ele nos ordenou o batismo para todo aquele que nele *crê*.^{vi}

4. A CEIA DO SENHOR

Entre a tradição judaica e o nascimento do cristianismo há uma grande coincidência, a Ceia do Senhor. No entanto, a coincidência termina na forma de realizar o ritual, pois o significado que a Ceia tem para os judeus é bastante diferente daquele atribuído pelos cristãos. Para eles, a Ceia do Senhor é um memorial da páscoa, ou seja, a Ceia é um ritual sagrado em agradecimento pela libertação da escravidão do povo de Israel no Egito. Para os cristãos, a Ceia do Senhor é um memorial/símbolo da obra de Cristo na cruz. Na noite em que foi traído, o Senhor Jesus junto com seus discípulos, celebrou a Páscoa e, logo após, instituiu a Ceia, que passou a ser um memorial para os que confessarem o nome glorioso do Senhor (Mt 26:17-30; Mc 14:12-26; Lc 22:7-23 e I Co 11:23-30).

Não podemos negar que o sentido da páscoa judaica foi incorporado à significação dada pelos cristãos à Ceia do Senhor. Para os judeus, como dito acima, a Ceia representa a libertação do povo de Israel que era escravizado no Egito. Em um sentido análogo, Cristo nos apresenta a Ceia como uma representação prática da doutrina da salvação, pois ela simboliza a nossa libertação do pecado. Assim como no hebraico a palavra *pesah* significa passagem, lembrando a forma como Deus fez os filhos de Israel passarem para a liberdade (Êx 12), essa mesma palavra é utilizada para rememorar que os cristãos passaram da morte para a vida.

4.1 Quais são os principais aspectos da Ceia do Senhor?

a. Aspecto comemorativo:

Cada vez que a Igreja se reúne para participar da Ceia, comemora a vitória de Cristo na Cruz do Calvário. Como cordeiro imolado, Ele se entregou para que pudéssemos viver. Esse aspecto comemorativo nos é transmitido pelo próprio Jesus quando afirma; “fazei isso em memória de mim” (I Co 11:24).

b. Aspecto de instrução:

A Ceia do Senhor é uma lição objetiva e, bastante dinâmica, sobre os fundamentos da doutrina da salvação:

- A encarnação: Quando Cristo afirma, referindo-se ao pão, “Isto é o meu corpo” (I Co 11:24), Ele apresenta, de forma didática, a sua obra encarnacional. Ou seja, Ele nos ensina a lembrar que sendo Ele o próprio

Deus, fez-se carne e habitou entre nós (Jo 1:14), “pois o pão de Deus é aquele que desceu do céu e dá vida ao mundo” (Jo 6:33).

- A expiação: Expiar significa pagar as consequências de alguma coisa, e, nesse caso, Jesus pagou as consequências pelos nossos pecados. Na Ceia lembramos do “pão da vida” e lembramos, também, que “se alguém comer deste pão, viverá para sempre” (Jo 6:48-51). Jesus afirma, ainda, que o seu sangue “é derramado em favor de muitos” (Mt 26:28).

OBS: Não devemos imaginar que os elementos da Ceia têm qualquer poder de cura, salvação ou regeneração. Nem mesmo achar que Cristo de alguma maneira se transforma, ou se transubstancia, nesses elementos. O pão da ceia é apenas pão e o vinho é apenas suco de uvas. Esses elementos são, como já foi explicado, símbolos daquilo que acontece na vida espiritual.

Só uma curiosidade para ilustrar essa confusão que alguns cristãos fazem. No primeiro século da era cristã, algumas autoridades romanas, que não eram capazes de compreender o sentido ilustrativo das palavras pão e vinho nas analogias feitas com o corpo e o sangue de Cristo, chegaram a acusar os cristãos de realizar rituais de canibalismo. Pois, entendiam que os cristãos estavam literalmente comendo o corpo e bebendo o sangue das pessoas em seus cultos.

c. Aspecto da comunhão

Compartilhando o pão e o vinho, em unidade com os irmãos, lembramos que a Ceia do Senhor nos une em torno da fé e da missão que recebemos de Cristo. As primeiras ceias eram celebradas nas casas dos irmãos (At 2:42-47) e eram verdadeiras festas entre aqueles que acreditavam na ressurreição de Cristo. Cremos que o Espírito Santo fortalece os nossos laços de amor quando testemunhamos vivamente através da Ceia do Senhor.

d. Aspecto da segurança

A Ceia do Senhor assume o aspecto da segurança, pois nos lembra que o sangue de Cristo é revestido de poder e que pode nos guardar de qualquer mal. Inclusive, e principalmente, dos males praticados por nós mesmos. A Ceia do Senhor nos relembra que em Cristo estamos plenamente seguros e que nada precisamos temer no mundo espiritual, pois a obra d’Ele é completa e suficiente (ver Rm 3:25-26 e Hb 9:14-24).

e. Aspecto da responsabilidade

A Ceia do Senhor deve ser tomada com responsabilidade. Devemos examinar a nossa vida diante de Deus e entender que não podemos tomar a Ceia quando estamos vivendo em pecado ou com o coração cheio de mágoas (I Co 11:27). Precisamos ser honestos diante de Deus e dos homens e ter consciência de que esse é um ato de testemunho espiritual.

4.2 Significado da Ceia do Senhor (Resumo)

Diante de tudo que foi exposto até agora, podemos concluir que a Ceia do Senhor é carregada de poderoso significado na vida do cristão. Ela não se resume a uma mera representação, mas tem efeitos na vida prática e espiritual de cada um de nós. Afinal, o Senhor não costuma requerer de nós atitudes que nada signifiquem ou que não tenham um sentido real e prático para a vida. Desta maneira, podemos resumir o significado da Ceia do Senhor através da seguinte lista^{vii}:

- a. A Ceia simboliza a morte e a ressurreição de Cristo;
- b. Ela apresenta a nossa participação nos benefícios da morte de Cristo;
- c. A Ceia é alimento espiritual;
- d. Através da Ceia, Cristo afirma o seu amor por nós;
- e. Cristo afirma que todas as bênçãos da salvação estão reservadas para nós;
- f. Na Ceia, eu dou testemunho da fé em Cristo.

Perceba que a Ceia do Senhor é uma relação mútua, baseada na obra de Cristo, mas, também, na nossa relação de fé com Ele. Portanto, devemos lembrar que a Ceia do Senhor nos impõe um bom testemunho diante da igreja e da sociedade, pois ao celebrar a Ceia estamos publicamente dizendo que todos esses significados se cumprem em nossas vidas. Ninguém deve tomar a Ceia e viver em pecado simultaneamente, pois isso é zombar de Deus (I Co 11).

4.3 Quem pode tomar a Ceia do Senhor?

A participação na Ceia do Senhor é para todos aqueles que têm Cristo como Senhor e salvador. Talvez alguém possa perguntar, quem não é batizado pode tomar a Ceia do Senhor? A resposta a essa questão exige bom senso de ambos os lados. Embora a Ceia seja uma ordenança independente do batismo, essas duas ordenanças guardam uma íntima relação no seu significado, o batismo simboliza, como já vimos, a entrada na vida cristã, enquanto a Ceia simboliza a permanência e o compromisso com essa vida.

Desta maneira, compreendemos que não podemos negar a ceia a quem não é batizado, desde que essa pessoa entenda que o que está fazendo é uma afirmação de sua crença e de sua comunhão espiritual com o Senhor Jesus. A nossa recomendação é que se sigam os passos lógicos, primeiro o batismo, pois ele representa a sua entrada no Reino de Deus, segundo a ceia, por que ela representa a sua comunhão com Deus e com a Igreja.

Mas, isso não basta. Para tomar parte na Ceia do Senhor é necessário que haja um autoexame das nossas consciências. Sobre essa questão, Wayne Gruden (2000) afirma:

No contexto de I Coríntios 11 Paulo está repreendendo os coríntios pela conduta egoísta e irrefletida deles em suas reuniões como igreja: “Quando, pois, vos reunis no mesmo lugar, não é a ceia do Senhor que comeis. Porque, ao comerdes, cada um toma, antecipadamente, a sua própria ceia; e há quem tenha fome, ao passo que há também quem se embriague” (I Co 11:20-21). Isso nos ajuda a entender o que Paulo quer dizer quando fala sobre os que comem e bebem “sem discernir o corpo” (I Co 11:29). O problema em Corinto não era não compreender que o pão e o cálice representam o corpo e o sangue do Senhor – com certeza eles sabiam disso. O problema era, antes, a conduta egoísta e irrefletida para com os outros quando estavam à mesa do Senhor. Eles não estavam entendendo nem “discernindo” a verdadeira natureza da igreja como corpo. (GRUDEN, 2000, p. 843).

Outro aspecto interessante, que, embora esteja inserido no aspecto anterior, fazemos questão de ressaltar é que a Ceia do Senhor não deve ser tomada se não estivermos bem nos nossos relacionamentos com as outras pessoas. Cristo nos ensina que se ao levarmos a nossa oferta ao altar de adoração lembrarmos que existe alguém que tem algo contra nós, devemos deixar tudo diante do altar e voltar para nos resolver com aquela pessoa (Mt 5:23-24). Da mesma forma devemos agir em relação à Ceia do Senhor, não devemos tomar parte nela se não tivermos a certeza de que os nossos relacionamentos estão bem resolvidos.

5. O COMPROMISSO COM O REINO DE DEUS

As ordenanças do Senhor para a Igreja têm entre os seus objetivos, o de promover a mordomia no Corpo. Isto é, quando nos batizamos e ceamos junto à igreja, também, nos comprometemos com o seu desenvolvimento e sustento. Afinal, se o batismo representa a nossa entrada no Corpo de Cristo e a ceia é a representação da nossa manutenção nesse Corpo, isso significa que nós precisamos nutrir esse corpo para que ele se mantenha vivo, saudável e em pleno desenvolvimento.

Dessa forma, o Senhor nos convida a participar de sua igreja através da nossa contribuição particular que aparece de duas formas, através dos dízimos e ofertas e através do serviço ministerial. Esse é um compromisso que todo cristão deve ter com a sua igreja (lembrando que um não exclui o outro). Assim, vamos entender como a Bíblia trata essas duas formas de compromisso.

5.1 DÍZIMOS E OFERTAS

A generosidade nasceu no coração do Pai. Ele nos dá vida, luz, alimento, princípios para vivermos melhor. Deu-nos o seu Filho, o Salvador Jesus, a vida eterna e nos tem abençoado de muitas maneiras, espiritual e materialmente.

Assim, se temos recebido generosamente, devemos dar generosamente também. Entretanto, o que você deve dar ao Senhor não se limita ao dinheiro, mas envolve tudo o que você tem e é. O seu coração, a sua vontade, os seus desejos, o seu tempo, tudo deve ser entregue ao Altíssimo. Dando-se a Ele primeiramente, você estará apto para ser um bom administrador dos bens que possui. Agindo assim, reconhecemos que Deus é o Senhor de tudo, e que tudo que temos provém d'Ele. Daí, dar o dízimo e ofertar é consequência.

Não tentemos nos enganar, a prática do dízimo, como veremos nessas próximas páginas, está presente tanto no Antigo quanto no Novo Testamento.

5.1.1 Por que devemos dar o dízimo?

a. Por que é uma das determinações do Senhor, um mandamento:

O Senhor, em sua onisciência, sabe das necessidades materiais da igreja e dos que dela fazem parte, então ordena categoricamente: “tragam o dízimo todo ao depósito do templo, para que haja alimento em minha casa” (Ml 3:10a).

b. Por que a nossa vida e os nossos bens pertencem a Deus

Tudo que existe pertence a Deus, nós somos apenas hóspedes e administradores daquilo que, de fato, pertence ao Senhor. Mesmo o ouro e a prata, bem como qualquer bem material, pertence a Deus (Ag 2:8). Então, na realidade, não estamos dando nada a Deus, mas, apenas, devolvendo uma pequena parte daquilo que já pertence a Ele. Jó reconheceu a nossa condição humana, entendendo que tudo provém de Deus, quando disse: "Saí nu do ventre da minha mãe, e nu partirei. O Senhor o deu, o Senhor o levou; louvado seja o nome do Senhor " (Jó 1:21). E o salmista cantou, em atitude de reconhecimento, que "do Senhor é a terra e tudo o que nela existe, o mundo e os que nele vivem; pois foi ele quem a fundou sobre os mares e firmou-a sobre as águas" (Sl 24:1-2). Lembremos disso com fé e entendamos que nada nos pertence.

c. Por que somos responsáveis pela manutenção da obra de Deus aqui na terra

Como será sustentada a obra de Deus se os cristãos não colaborarem financeiramente? Como os órfãos e as viúvas serão amparados? Como os dependentes químicos receberão cuidados, se não houver recursos? Como viverão nesse mundo as pessoas que dependem financeiramente da igreja? Precisamos entender que as necessidades materiais da igreja e dos seus membros é responsabilidade nossa (ver Mt 3:8-11).

5.1.2 E quanto às ofertas?

Ofertas são contribuições voluntárias, dedicadas ao Pai em adoração, para suprir necessidades ministeriais e assistir as pessoas. Há orientação na Palavra sobre a forma como devemos adorar o Senhor com nossas ofertas:

Lembrem-se: aquele que semeia pouco, também colherá pouco, e aquele que semeia com fartura, também colherá fartamente. Cada um dê conforme determinou em seu coração, não com pesar ou por obrigação, pois Deus ama quem dá com alegria (II Co 9:6-7).

Vocês serão enriquecidos de todas as formas, para que possam ser generosos em qualquer ocasião e, por nosso intermédio, a sua generosidade resulte em ação de graças a Deus. O serviço ministerial que vocês estão realizando não está apenas suprimindo as necessidades do povo de Deus, mas também transbordando em muitas expressões de gratidão a Deus. (II Co 9:11-12).

Com base nesses textos aprendemos:

- Que há bênção em ofertar, proporcional à nossa generosidade;
- Que o valor da oferta é uma decisão íntima e pessoal;
- Que o importante não é o valor material da oferta, mas a sinceridade do coração;
- Que só se deve dar a Deus o que é fruto honesto do nosso trabalho e esforço;
- Que não deve ser por constrangimento;
- Que deve ser espontânea;
- Que Deus recompensará (não necessariamente com bênção materiais);
- Que pessoas terão suas necessidades supridas;
- Que traz glória para o nome de Deus.

5.2 O MINISTÉRIO DA IGREJA

Ministério é definido segundo a palavra grega “diakonos” que significa servir. Então, podemos entender que **ministério é o compromisso que temos de usar aquilo que Deus nos deu (dons, habilidades, conhecimentos, recursos, posição social, etc.) para servir aos Seus propósitos e para suprir as necessidades dos mais carentes.**

Através desta definição, logo percebemos que servir a Deus é exercitar a capacidade que Ele próprio nos deu para o cumprimento de uma obra específica, em conformidade com Ef 4:11-12.

Conquanto haja diferentes formas de servir a Deus, é ao mesmo Senhor a quem servimos. O Espírito Santo coloca o poder de Deus à nossa disposição como uma forma de ajudar a igreja toda. Todos nós, juntos, formamos o Corpo de Cristo e cada um de nós está individualmente separado para exercer uma função essencial nesse Corpo.

Saiba, portanto, que Deus quer nos usar para construir o seu corpo, fazendo de cada um de nós parte integrante de um grande projeto que não pode parar.

A Bíblia nos dá mais do que razões para servir; nos dá motivos para colocarmos isso como prioridade em nossos corações, para nos interessarmos verdadeiramente pelo serviço cristão.

1ª Razão – Nós fomos criados para o ministério: “Por que somos criação de Deus realizada em Cristo para fazermos boas obras, as quais Deus preparou de antemão para que nós as praticássemos” (Ef 2:10).

2ª Razão – Nós fomos salvos para o ministério: ‘... que nos salvou e nos chamou para uma santa vocação, não em virtude das nossas obras, mas por causa da sua própria determinação e graça. Esta graça que nos foi dada em Cristo Jesus desde os tempos eternos” (II Tm 1:9).

3ª Razão – Nós fomos chamados para o ministério: “Vocês, porém, são geração eleita, sacerdócio real, nação santa, povo exclusivo de Deus, para anunciar as grandezas daquele que os chamou das trevas para a sua maravilhosa luz. Antes vocês nem sequer eram povo, mas agora são povo de Deus; não haviam recebido misericórdia, mas agora receberam” (I Pe 2:9-10).

5.3 A COMUNHÃO COM IGREJA

A palavra comunhão vem do latim *communione*. É uma palavra composta por outras duas: comum e união. No Novo Testamento, a palavra comunhão é a tradução do substantivo grego *koinonia* que tem sido traduzido como “algo em comum”. Assim, podemos definir a comunhão como uma vida com muitas coisas em comum. David Kornfield define que comunhão é “compartilhar tudo que sou e o que tenho com outras pessoas”.

A comunhão é uma dimensão espiritual da igreja, jamais poderá ser produzida artificialmente, trata-se de um dom de Deus para a sua Igreja. Quando a Igreja afasta-se dos ensinamentos bíblicos sobre a “comunhão do Espírito Santo” (II Co 13:13) imerge em grave crise. Neste mundo de extrema impessoalidade, onde os relacionamentos são cada vez mais superficiais, precisamos romper com esse padrão mundano e conceber novos tipos de relacionamentos a partir da verdadeira vida cristã.

Podemos dizer que a comunhão com Espírito Santo se dá em duas dimensões diferentes: 1) a dimensão vertical, na qual nos conectamos ao próprio Deus; e, 2) a dimensão horizontal, que é a nossa conexão com a igreja, com os irmãos. Essas duas dimensões jamais podem ser separadas, pois são complementares. Vamos entender isso:

- A verdadeira comunhão é um reflexo da qualidade do meu relacionamento com Deus (I Jo 1:7; I Jo 2:9-11);
- A comunhão revela o nosso desenvolvimento como povo do Senhor (Ef 2:13-16);
- A comunhão é importante para que a Igreja possa continuar evangelizando e proclamando o Nome do Senhor (Jo 13:35);
- A comunhão é importante para que todos os nossos serviços cristãos sejam relevantes (Ef 4:13).

Notas

ⁱ O significado da palavra Igreja é muito bem discutido em: Coenen, L & Brown, C. **Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento**. Ed. Vida Nova, 2000. Vol. 1.

ⁱⁱ Guerrear apenas no sentido espiritual, ou seja, quando Cristo nos convida para evangelizar o mundo (Mt 28:18-20; Mc 16:15; At 1:8).

ⁱⁱⁱ O termo “assunção de Cristo” refere-se ao momento em que Cristo foi elevado aos céus, deixando a Igreja responsável por dar continuidade a sua obra de evangelização e redenção e o Espírito Santo como o nosso novo consolador (Lc 24:50-51 e At 1:9-11).

^{iv} O Dr. Jorge Henrique Barro discute os métodos que a Igreja utilizou na época de Cristo e dos primeiros discípulos para expandir a mensagem do evangelho. De maneira bastante sagaz, Dr. Barro formulou uma teologia da missão urbana altamente contemporânea a partir do Evangelho de Lucas e Atos dos Apóstolos. Ver: BARRO, Jorge H. **De Cidade em Cidade**. Elementos para uma teologia bíblica de missão urbana em Lucas – Atos. Ed. Descoberta, 2002.

^v Os dois argumentos presentes nesse material foram extraídos *ipsis litteris* das páginas 816-818 do livro de Gruden apresentado na bibliografia deste trabalho.

^{vi} Texto baseado e praticamente transcrito da mesma obra da nota anterior.

^{vii} Essa lista é adaptada da obra Teologia Sistemática de Wayne Gruden (Páginas: 836-837).